

W I L S O N C O U T O

Genéricos

A fraude

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024

1

Dinesh Patel saiu de uma pequena e aconchegante sala, anexa ao seu suntuoso escritório, onde estivera meditando por quase uma hora. Ele tinha um ambiente especialmente preparado para isso, com grandes almofadas, iluminação com velas e incensos. Seu rosto parecia tranquilo, mesmo diante da aparente tensão das pessoas acomodadas em poltronas. Parou por alguns segundos na porta de madeira trabalhada com símbolos hindus. Sentou-se em uma pequena banquetta e calçou vagarosamente seus sapatos ingleses, marrons avermelhados. Arrumou a gravata, a camisa e colocou o paletó que carregava em uma das mãos. Usava um terno impecável, feito sob medida pelo alfaiate mais prestigioso da Índia. Ele praticamente só costurava para a família Patel e alguns outros poucos executivos milionários. Diziam que Dinesh Pastel tinha um enorme quarto forrado de armários e espelhos em seu palacete, apenas para abrigar seus ternos, camisas, lenços e gravatas. Uma única pessoa de sua confiança ficava encarregado de escolher o terno, com as combinações do dia, o fiel serviço Amish.

Dinesh caminhou pela sala. Sentou-se à sua enorme mesa de madeira maciça, coberta com vidro grosso. Podia até ser

de gosto duvidoso, mas era imponente. Encostou a cabeça na poltrona e quebrou o silêncio:

— Boa noite! — disse olhando para os cinco homens sentados a poucos metros de sua mesa.

Todos responderam em coro — Boa noite! — pareciam aguardarem um sinal do chefe.

Ali, em Gurgaon, um distrito de Nova Deli onde centenas de indústrias se acumulam, todos aguardavam naquela sala da indústria farmacêutica Xabar. A expectativa era para a notícia que poderia ser um marco na sua produção de medicamentos genéricos: a aprovação pelo *FDA*, a poderosa agência reguladora americana, do medicamento para baixar o colesterol. Uma vez aprovada, a droga produzida pela Xabar, poderia ser comercializada na América. Isso representaria um mercado potencial de bilhões de dólares.

Ao redor de 21h30 no dia 05 de dezembro de 2011, o telefone de Dinesh Patel tocou. Eram 11h30 em Silver Spring, no estado americano de Maryland, local da sede do *FDA* e de onde ligava o advogado e representante da Xabar. Ele acabara de ser informado do resultado do longo processo de autorização para produção e venda do novo medicamento genérico. Fez-se um silêncio. Todos procuraram por alguns segundos algum sinal na face de Dinesh, que pudesse indicar uma resposta. De repente seu rosto se abriu em um sorriso largo, seguido da palavra “sim”! Mal deu tempo de ele desligar o telefone. Todos já se abraçaram celebrando. Um champagne estourou, mas poucos beberam. Dinesh, o presidente da companhia não bebia álcool. Apenas pegou uma taça para tirar uma foto e a depositou de volta na bandeja de prata. Serviu-se de uma

xícara de chá quente, que emanava um aroma de ervas pela sala. Após mais alguns momentos de comemoração e descontração, lentamente os executivos da Xabar foram partindo. Havia sido um dia intenso, de muita espera e os sinais de cansaço nos rostos eram aparentes.

Enquanto uma funcionária recolhia os últimos copos, xícaras e pequenos pratos espalhados pelo escritório, Dinesh caminhou até a ampla sacada, que praticamente rodeava por completo o último andar da gigantesca sede da companhia. Do alto dos 30 andares olhou para baixo e viu ainda um trânsito carregado, apesar do horário avançado. Resolveu esperar mais alguns minutos antes de ir para casa, contando com a melhora do tráfego. Olhou de volta para o escritório, agora em penumbras e avistou atrás de sua mesa os dois imensos quadros com as pinturas dos seus predecessores: seu avô, Ashish Patel e seu pai, Kumar Patel; que havia falecido de câncer de esôfago há três anos. Imaginou o quanto eles ficariam orgulhosos dele naquele dia. Dinesh Patel não era uma pessoa modesta e muitos o achavam arrogante. Mas sem dúvida alguma a empresa cresceu muito sob sua gestão, considerada agressiva e ambiciosa.

Tudo começou quando seu avô fundou em 1935 um laboratório para produção de medicamentos. Vindo de uma família abastada, sempre sonhou grande. Após se formar em química na Inglaterra, voltou para a Índia com a intenção de desenvolver a indústria local. Nessa época, e por muito tempo depois, o mercado farmacêutico de produção era dominado pelas companhias multinacionais. Os indianos atuavam apenas como distribuidores, com raras exceções. Ashish Patel foi uma dessas e mesmo sem possuir um laboratório rico em

pesquisas, seguiu adiante com a produção de medicamentos simples. Cresceu mais rápido que esperava e com o poder econômico ganhou também prestígio político. Embora conhecidos localmente, os medicamentos indianos não gozavam de boa reputação no exterior. Eram considerados de baixa qualidade. Mas Ashish Patel não se incomodava com o que pensavam dele ou de seus produtos.

A Índia é um país com características culturais diversas do Brasil. Mas pode se identificar algo comum aos dois países: a corrupção. Certas práticas como o tráfico de influência, a utilização de propinas, com a oferta de “porcentagens” sobre valores de negócios fechados, para a obtenção de vantagens nos governos; estão tão enraizadas no dia a dia que são consideradas normais. Existe como se fosse um governo paralelo às leis e instituições. A indústria Xabar soube aproveitar bem as oportunidades abertas pela influência política e econômica de seu fundador. Ganhou inúmeros contratos para o fornecimento de medicamentos variados para o governo, como drogas antimaláricas e vitaminas.

Ashish criou seus filhos de maneira austera, sem luxos exagerados. Desde cedo aprenderam o valor do trabalho duro e da necessidade de construir uma vida independente. O primogênito, Kumar, ia desde pequeno nas suas férias escolares na indústria. Fazia pequenos trabalhos de *office boy* e ficava na sala do pai. Este, adorava quando o filho visitava os diferentes setores da empresa com ele. O brilho no seu rosto parecia dizer: “esse é o meu garoto”! Faziam várias pausas durante o dia para tomar chá, sempre acompanhado de guloseimas para Kumar. Quando ele completou 18 anos, resolveu estudar

química. O pai não se conteve de felicidade e o enviou para Cambridge, na Inglaterra. Com 23 anos não só terminara o curso, como obtido o título acadêmico de *PhD*. Voltou para a Índia e começou a trabalhar na parte técnica da fábrica. Observou e aprendeu silenciosamente os aspectos administrativos com seu genitor. Era o que podemos chamar de um *workaholic*. Chegava bem cedo e era sempre o último a sair, com o pai. Colocou em prática tudo o que havia aprendido na teoria durante seus anos na Inglaterra. Os processos e a qualidade na produção de medicamentos foram melhorando gradativamente após sua chegada.

Kumar continuou estudando muito. Não raro, passava os fins de semana no bangalô da família no litoral, cercado de livros. Dividia seu tempo para a família, a esposa, o filho Dinesh, ainda pequeno e o estudo constante. Era um apaixonado pelo que fazia. Sob sua supervisão, a farmacêutica Xabar aumentou e aperfeiçoou a fabricação tanto de comprimidos quanto de drogas injetáveis. Mas mais do que isso, ele revolucionou a produção dos chamados “ingredientes ativos”, o componente essencial na produção de medicamentos. Eles são produzidos separadamente, como se fossem a matéria-prima dos remédios. São vendidos para outras indústrias farmacêuticas, que adicionam os outros componentes chamados de “excipientes”, para se ter o remédio pronto. Se tornaram o principal produtor indiano de matéria-prima de medicamentos e os lucros da companhia só aumentaram.

Entretanto, as leis de patentes na Índia eram rígidas naquela época e não era possível produzir uma variedade muito grande de medicamentos, porque as grandes marcas tinham

os direitos sobre as drogas. Mesmo com grande parte da população na linha de pobreza, os remédios eram caros. Para justificar os altos preços, os gigantes da indústria farmacêutica sempre disseram que para se desenvolver uma nova droga eram necessários anos de pesquisa, com custos muito altos. Além disso, também diziam ter um controle de qualidade rigoroso em todas as fases de produção dos fármacos, justificando a manutenção das patentes e os preços elevados. Sobrava para a então incipiente indústria indiana a produção de alguns medicamentos com patentes antigas e vencidas. A Xabar ia tentando quebrar esse cerco.

Eu sei, leitor, que deve estar se perguntando a razão de estar contando toda essa história e o que ela teve a ver com a morte do meu amigo Pedro Bastos. Só peço um pouco da sua paciência. No meu exílio forçado, como testemunha protegida, pesquisei e revisei onde tudo começou. Toda a história por trás da indústria dos medicamentos genéricos na Índia e que também tiveram impacto no nosso país e na nossa população. A garantia que lhe dou é fazer o meu melhor para entender todos esses detalhes e ficar sabendo toda a verdade. Continuemos com nossa história...

Com o passar do tempo e com pressão política e econômica crescentes, a questão das patentes de medicamentos na Índia foi sendo revista. Nos anos 70 a lei foi modificada, permitindo que fosse possível copiar uma droga existente, desde que fossem alteradas as etapas para sua formulação. Ou seja, seria possível copiar uma molécula, mas não o processo como certa droga era feita. Isso era o que as indústrias precisavam para expandir o negócio dos medicamentos chamados de genéricos.

Os genéricos são cópias legais das drogas “de marca”, produzidas pela rica indústria farmacêutica tradicional. Devem ter o mesmo princípio ativo, concentração e ação no organismo. As companhias que produzem drogas genéricas, tem que demonstrar por testes de ação e eficácia que os medicamentos são “bioequivalentes” e produzem os mesmos efeitos nas pessoas que os originais. Esses conceitos são muito importantes para se entender tudo o que aconteceu nessa história. A intenção da produção dos genéricos é oferecer medicamentos mais baratos. Mesmo com lucros bilionários, pela política de proteção das patentes, a indústria farmacêutica tradicional sempre lutou muito contra os genéricos.

Com a nova lei de patentes indiana, uma nova era se iniciou e a indústria Xabar soube tirar proveito disso. Com seus conhecimentos em química, Kumar Patel desenvolveu métodos de produção de vários medicamentos. Forneciam não apenas para o mercado interno, mas começaram a exportar para a África, América Latina, Irã, Oriente Médio e alguns países da Ásia. A Xabar ia se tornando uma empresa global. Seus quadros de funcionários aumentaram. Kumar contratava uma quantidade crescente de farmacêuticos e bioquímicos para dar conta das demandas de produção. A companhia abriu mais duas fábricas e continuou crescendo. Ele passou a viajar com frequência para fiscalizar e orientar sua equipe de químicos.

Tudo parecia ir bem até que o pai de Kumar, Ashish Patel, foi diagnosticado com um câncer de próstata, aos 72 anos, já com metástases. Ele ainda estava muito ativo no comando da empresa e teve que se afastar para tratamento. Apesar de todos os esforços, faleceu seis meses depois do diagnóstico. Morreu

Amamos o Brasil. Mas tanto eu quanto ela nos decepcionamos com o nosso sistema. Crimes que envolvem políticos, de maneira geral, não avançam nas investigações e ficam sem punição adequada. Foi o que aconteceu com as nossas denúncias. A justiça americana também caminhou lentamente no caso Xabar, mas acabou sendo feita e graças a isso nos livramos dos seus medicamentos.

É essa a história que tinha para lhe contar, caro leitor. O meu nome? Pouco importa. Para mim é suficiente dizer que fui amigo de Pedro Bastos, um brasileiro que se preocupava sempre em fazer a coisa certa.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2024.
